



EXPERIMENTAÇÕES FOTOCARTOGRÁFICAS E DEFICIÊNCIA VISUAL: PARA PENSAR CONTRA-SENSOS EM EDUCAÇÃO

Daniele Noal Gai – UFRGS
Felipe Leão Mianes - UFRGS

Resumo: Este texto apresenta a experimentação fotográfica e a deficiência visual como dispositivos para pensar contra-sensos em educação. Em tempos de inclusão pensa-se nos espaços possíveis de encontro e experimentações por parte daqueles sujeitos considerados, até pouco tempo atrás, excluídos e incapazes de participarem da vida social, cultural e artística. Sabe-se que os sujeitos com deficiência visual estão no fluxo, no ermo, perambulando, experienciando, na rua, na escola, na universidade, na sociedade, na história... Com isso, propôs-se: uma aproximação em pequeno grupo e um trabalho sistemático com um grupo de pessoas com deficiência visual e outros interessados na temática, que tivessem em comum: disposição e disponibilidade para pensar visualidades, para fazer a exploração e tentar a materialização de conceitos através da fotografia, para produzir artefatos visuais e para experimentar a cultura visual. Buscou-se os sentidos possíveis entre a visão, a cegueira e a [in]visibilidade.

Palavras-chave: Fotografia; deficiência visual; educação; arte

EXPERIMENTAÇÕES FOTOGRÁFICAS

*“todo mundo deseja olhar para além do visível”
(BAVCAR, 2003, p. 125)*

Este texto traz a experimentação fotográfica e a deficiência visual como dispositivos para pensar contra-sensos em educação. Esta experimentação se deu através de encontros sistemáticos em um Curso de extensão voltado para o público com deficiência visual e interessados na temática. Objetivou-se experimentar as maneiras culturais de olhar e seus efeitos sobre cada um de nós em tempos de inclusão [virtual, digital, escolar, visual, social...]. Potencializou-se espaços de experimentação fotográfica de maneira a explorar as maneiras culturais de olhar e seus efeitos sobre cada um em tempos de tentativa de inclusão. O propósito era aproximar e trabalhar com um grupo de pessoas que se interessam por visualidades, pela exploração e materialização de sentidos através da fotografia, por produção de artefatos visuais e experimentação da cultura visual. Buscou-se os sentidos possíveis entre a visão, a cegueira e a [in]visibilidade.

Interseccionar cegueira e visualidade, é romper com estereótipos e transgredir discursos tidos como indiscutíveis, é subverter as limitações dos sujeitos. Para aqueles que não enxergam, a visualidade é fundamental, embora ela seja alcançada de outras formas, pelo tato, pelo olfato, pela sensibilidade ou pela audição. Não é preciso olhar para contemplar ou ver. Nesse sentido, proporcionar espaços nos quais sujeitos com deficiência visual tenham acesso às artes visuais é importante para o ato de compartilhar com os diferentes e assim, disparando outras possibilidades estéticas.

Quando me apresentaram o grupo de fotógrafos cegos de São Paulo, eu mal pude acreditar no que faziam. Havia em seu esforço uma beleza muito raramente sensível na vida era como a passagem que nos fazem estremecer no limiar ainda mais dificilmente transponível de um mundo melhor. Para mim eles são os pioneiros das novas imagens para além do visível, que se juntam assim a todos os criadores que não renunciaram a impor seu próprio olhar, por mais frágil que seja. (BAVCAR, 2003, p. 98)

Este Curso aproximou acadêmicos de graduação, alunos de pós-graduação, professores das Redes de ensino do município de Porto Alegre, profissionais da área da saúde e educação especial, pessoas com e sem deficiência visual entre outros curiosos e interessados pela fotografia como dispositivo de produção de conceitos e enunciados. Este Grupo foi composto por pessoas com baixa visão, outras com surdocegueira e outras declaradas com deficiência visual.

No decorrer do Curso foram compostas fotografias que foram escritas, poemadas, versadas, rimadas, dissertadas, descritas ou narradas por seus autores. É importante destacar que os textos não foram produzidos com a finalidade de servir como legenda, para categorização da imagem ou como descrição simples de cenários e personagens. A proposição foi entrecruzar fotografia e narrativas numa tentativa de inventar modos de fotocartografar a cidade, o cotidiano, a visibilidade, a invisibilidade, o foco, o desvio, o chão, a estrada, os descaminhos... Ao longo deste artigo trataremos deste Curso de diferentes maneiras, seja como oficina, seja como atelier, seja como encontros, assim como Grupo, não como sinônimos, mas como modos possíveis de contar sobre a força produtiva daquele Grupo específico.

DEFICIÊNCIA VISUAL E [IN]VISIBILIDADES

Em tempos de inclusão pensa-se nos espaços possíveis de encontro e experimentações por parte daqueles sujeitos considerados como impossibilitados de partilhar da vida cultural e

da arte. Sabe-se que os sujeitos com deficiência visual estão no fluxo, longe do obscuro, no ermo, perambulando, experienciando, na sociedade, na história, na dobra da diferença...

Até o final do século XIX, a cegueira foi seguidamente retratada pela arte, ainda que retratada metaforicamente como símbolos de misericórdia, renúncia aos bens materiais ou de remissão de pecados. Com o passar dos anos e com a emergência dos processos de inclusão, os sujeitos com deficiência visual passaram frequentar a grande maioria dos espaços sociais. Através dos processos de representação e das novas formas de ver a deficiência visual, em meados dos anos 1990, passou-se a pensar sobre a acessibilidade e da produção de arte por parte de cegos e pessoas com baixa visão.

É nesse período que o filósofo Jacques Derrida apresenta uma série de obras artísticas nas quais é tematizada a cegueira, realizando ele mesmo uma exposição com desenhos e gravuras chamada: *Memórias de cegos – autorretrato e outras ruínas*, afirmando que toda obra é um autorretrato, sendo ao mesmo tempo artista e obra (TESSLER, 2001, p 20).

Mas como um cego retrata aquilo que não pode ver? Não pode enxergar, mas pode ver, sentir, tocar, ouvir e até ir além da percepção sensorial. Tanto é que ao falarmos de imagens, podemos sempre nos remeter aos sujeitos com deficiência visual, pois estes são em sua maioria especialistas em constituir imagens. Isso porque, ao não terem a visão, eles constroem e criam imagens sobre tudo que vivenciam e alicerçam experiências. Para aqueles que já enxergaram, criam imagens a partir das reminiscências de sua visualidade, e aqueles que nasceram sem enxergar, o fazem de forma livre, sem as amarras da visão. Será que a cegueira nos liberta de ver apenas aquilo que enxergamos?

De acordo com Mirzoeff (1997, p. 389), é recorrente também a ideia de que os sujeitos com deficiência visual têm uma percepção sensorial artística mais aguçada, por ‘enxergarem’ além daquilo que se pode ver de forma geral. Ou seja, no que tange ao acesso à arte, ir além do visível em uma obra ou instalação artística permite que se possa pensá-la de outras formas. E esse processo se dá também através do entendimento de que outros sentidos estariam mais desenvolvidos diante da visão comprometida.

Os sujeitos com deficiência visual, ao que percebe-se, fogem às obviedades, trazem outro foco e escapam a simples descrição de imagens, a reprodução do mesmo e da mesmidade. Fabulam em perceptos e afectos e produzem novidades, raridades, rarefação... É um novidadeiro? Um potencial fotógrafo daquilo que não está saturado ao visível. Como diria em poesia Manoel de Barros (2010, p. 379): “Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei. [...] Fotografei o perfume”.

[i]Foco! Tal experimentação fotocartográfica quer propor confrontar e enfrentar as delícias, os contra-sensos, os fluxos, os riscos das experiências de fotografar, perceber, olhar, sentir, não ver, ver, experienciar, refletir, inventar, criar, mentir, narrar, interpretar... Experimentar outras maneiras [im]possíveis de olhar artefatos visuais. Instituir outras maneiras de perceber, flunar, criar, olhar, ver, ser... Escrever personagens. Inventar coisas para contar. Mentir sobre as imagens e traduzir bem-quereres em fotografias. Narrar histórias fictícias. Postergar explicações e representações. [Fotocartografias de experimentação: “As borboletas deste estômago” e “Bebê no ventre da mãe”].

::

Deleuze (2007) infrigiria marcar a decomposição e a desocupação dos territórios identitários, abrindo-se à raridade e ao inusitado.

O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama equivocadamente de dendritos não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, o salto de cada mensagem por cima destas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema, probabilístico incerto. (DELEUZE & GUATARRI, 1996, p. 25)

Assim, curioso ou contra-senso perguntar: como os sujeitos com deficiência visual se deparam com a profusão de informações visuais? Com as visualidades dos mundos? Quais suas impressões acerca da cultura visual? Quais fotografias guardam em seus álbuns de memórias? Colecionam fotografias? Fotografam? Como planejam a materialização de seus pensamentos em fotografia? Quais fendas produzem suas fotografias?

Muitas perguntas são elencadas aqui? Talvez. Elas são apenas divagações. A preocupação não é respondê-las. Não fica claro quais são as respostas para elas neste parágrafo tampouco nos parágrafos que seguem. Contudo, alerta-se que essas ou algumas dessas questões são colocadas aqui a fim de suscitar futuros e ininterruptos debates, fugindo dos decalques e dos clichês em educação e no que se refere à educação inclusiva.

As mesmas perguntas puderam ser feitas para aquelas pessoas sem deficiência. E outras questões podem ser levantadas, desde que estejam em destaque as potências produtivas e criativas. Cada um com suas maneiras de ver ou não querer ver, e apenas fotografar: inventaram, produziram, criaram, perverteram, rumaram para outros caminhos, fugiram, escorregaram, rasgaram brechas, indo além daquelas perguntas previamente concebidas ou das experimentações programadas.

O convite é para escrever como se fotografasse. Aceitas? Desafio: fluxo narrativo! Escreves? Mexericos. Mexericâncias. Misturar. Misturança. Agitar. Agitação. Revolver. Reviravoltas dar. Mexer o corpo. Mexer a alma. Mexer o angu. Tocar, pôr a mão em. Movimentar. Movimentação. Misturação.

Correria. Troca de energias. Captura de forças. Troca de potência. Difusão de vibrações. Agitação de corpos...

[Fotocartografia produzida por Daniele]

Os sujeitos envolvidos na proposta não só perambulam por imagens, como colecionam, catam, acumulam fotografias, tem grandes arquivos em seus computadores, carregam um número considerável de imagens em seus celulares, têm o hábito de carregar câmera fotográfica em seus passeios e no dia a dia, divulgam em Blogs e em Redes sociais as suas fotografias, utilizam softwares especiais, fazem uso e reivindicam a audiodescrição, pesquisam sobre a fotografia, leem sobre fotografia, contaminam-se em exposições fotográficas, buscam o máximo de experimentações com fotografias em suas ações pessoais e profissionais... Seja qual for a proposição, o evento, a intencionalidade, a falta de foco, a inutilidade: fotografam.

(...) mas é possível observar desde logo que as fotografias devem operar de duas maneiras, por semelhança ou por convenção, por analogia ou por código. E, seja qual for a maneira de proceder, elas são alguma coisa, elas existem em si mesmas (...). O maior interesse da fotografia é impor a “verdade” de inverossímeis imagens falsificadas. (DELEUZE, 2007, p.95)

Com isso, é importante destacar que os sujeitos que compuseram o Grupo de experimentações fotocartográficas não eram especialistas ou técnicos, tão pouco buscavam se especializar em técnica fotográfica ou em técnicas de foco, luz, cenários, gêneros, linguagens, modelação, manipulação... Era comum a simpatia pelo fazer foto, estar na foto, produzir foto, inventar foto e, principalmente, trabalhar em educação com os modos culturais de fotografar e ver.

O que sinto por essas fotos resulta de um afecto médio, quase de um treino. Não conseguia encontrar, em francês, uma palavra que exprimisse simplesmente essa espécie de interesse humano; mas creio que essa palavra existe em latim: é o *studium*, que não significa, pelo menos imediatamente, “o estudo”, mas a aplicação de uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, empolgado, evidentemente, mas sem acuidade particular. É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos, porque é culturalmente que eu participo nas figuras, nas expressões, nos gestos, nos cenários nas ações. (BARTHES, 2002, p.34)

O Grupo manifestou dúvidas potentes e criativas sobre os efeitos da fotografia na educação. Vem utilizando ela como metodologia, como ferramenta, como instrumento, como pincel, como tripé, como cenário, como único foco, como meio para reverberação de conceitos em aula, inclusive, como materialização de conceitos

trabalhados em aula e estratégia para perversão de conteúdos densos apresentados aos seus alunos.

Destaca-se como relevante o usufruto da fotocartografia como instrumento de avaliação e percepção de construção de conceitos por parte dos alunos, especialmente daquele com deficiência. Um aluno com autismo, outro com psicose infantil, outro com paralisia cerebral, tantos outros com comprometimentos severos na linguagem, ou alunos sem comprometimentos aparentes, poderiam produzir suas fotografias com auxílio de um tutor e assim dar a ver aquilo que pensam, que observam, que comparam, que lhes veem e que olham. E isso é que vem sendo feito por tal Grupo: aulas-fotos, artes-ressonâncias, aprendizagens-enfim...

a fotografia sempre foi para mim o enigma que procuro resolver com o jogo entre a luz e as trevas [...] a máquina fotográfica é para mim o prolongamento do meu espaço existencial: quando fotografo sou eu mesmo uma câmara escura por trás desse outro que é a máquina fotográfica [...] os artistas são deficientes que a sociedade geralmente não reconhece. (BAVCAR, 2003, p. 143).

Um passo/exemplo do reconhecimento de quem fotografa é o Projeto “Aluno Faz Foto” coordenado por uma professora participante do Grupo. Este é um exemplo de como na educação básica, na escola comum, na escola especial, na educação, podem ser produzidos pós-conceitos através da fotografia. Tal Projeto é desenvolvido na Rede municipal de Porto Alegre e envolve 14 escolas, 23 projetos e tem como eixo central incentivar as produções fotográficas dos alunos. Faz incursões na física, na biologia, nas artes, na literatura... Reusa materiais. Inventa câmeras. Aproveita todos os [im]possíveis da foto com seus alunos.

::

Esses **#pormenor[es]** dados por acaso, que ferem nossa atenção, machucam nossos olhos, nossos corpos são o que nos impulsionam a clicar [disparar] fotos apenas pensadas [apenas imaginadas]. Ficamos com essas imagens em nossas mentes [in]visível, nos mo[v]im[enta] para o cotidiano de nossas vidas.

[Fotografia produzida por Daniele e Texto produzido por Elisandro]

::



[...] acho que às vezes a vida é meio azul como o mar e o céu. Seja como for, fiz a fotografia dos contrastes do horizonte, lá onde o mar banha a imensidão do céu e onde este, esconde por trás de si os mistérios marinhos. Seja como for, a imagem sempre é capaz de pregar peças se as pensamos como única fonte de reflexão e pensamento. Para quem tem deficiência visual como eu, desconfiar de uma imagem que construímos ou que nos é descrita é muito comum. Em um primeiro momento, o que sinto quando me descrevem uma imagem é o que terá deixado de ser dito, será que é do jeito como me foi dito? Pois é, a fotografia tem o poder de demonstrar como uma mesma coisa pode ser tão diferente, quando sua imagem é construída por indivíduos diferentes. Por isso, não creio no azul que vejo, mas sim no azul que sinto. Fotografar mar e céu juntos é construir a possibilidade de unir aquilo que poderia parecer impensável. Ser bem que, deve ser sempre bom manter viva uma reflexão e uma dúvida azul...

[Fotocartografia produzida por Felipe]

::

O trabalho de Evgen Bavcar, Gerardo Nigenda, Kurt Weston e Diane Arbus marcaram, durante as experimentações fotocartográficas e deficiência visual, a potência de fotógrafos que se interessaram pela deficiência, sendo ou não fotógrafos cegos. Suas produções mostram o vento, o ar, a sensação, o gozo, o gosto, o toque, o efêmero, o fútil, o volúvel, o sufocamento, a deficiência, a perda, a revolta, a adaptação, a conformação, a afetação, corpos nus, corpos disformes, nuances de preconceito, vozes em silêncio, crenças arraigadas, singelezas, minimalismos, paisagens esquisitas, personagens estranhos, a inclusão, o fora, o dentro, o fora do dentro, o dentro do fora...

Em realidade, minhas imagens mal me pertenciam, ou me pertenciam tão pouco que logo deslizavam de minhas mãos vazias, para se alojar nos olhares de outrem, onde começavam a viver sua vida mais real". (BAVCAR, 2003, p. 121).

Dessa maneira, potencializou-se pensar o olhar do outro, aquilo que se inventou alteridade-fotográfica, aquilo que vemos nos olhos do outro, que nos olha pela óptica do

outro, como somos vistos por aquilo que vemos (DIDI-HUBERMAN, 1998). Que linhas interagem, se conectam e nos compõem?

::

Tornar visível. Tornar pensável. Sair da contemplação. Não extrair perfil ideal. Privilegiar e elevar perfis no plural na variação na multiplicidade. Visualizar as nuances. Dar a ver. Dar a falar. Dar a comentar. Provocar sensações. Evitar a mesmidade. Dar a ver o fora do dentro. Dar a ver o dentro do dentro. Dar a ver o fora do fora. Trata-se de devires. Trata-se de transmutações. Trata-se de devires e de transmutações. Devir outros. Distrair-se e não se preocupar em ter que responder a tudo. Distrair-se ao modo do certo. Distrair-se ao modo do errado. Distrair-se ao modo da verdade. Distrair-se ao modo da mentira. Distrair-se ao modo da invenção. Provocar em léxicos. Devir outrem que desconfia. Devir outrem que observa. Devir outrem à espreita. Devir outrem que entra e sai. Respirar. Ar. Esta oficina sorri, não escreve-se. Esta oficina se sobreporá às palavras e tornar-se-á imagens e se sobreporá às imagens e tornar-se-á aquilo que for [im]possível em si. Traz consigo uma autoria que se inscreve na vida. Esta oficina rizomatiza conceitos. Esta oficina escreve tal qual Eduardo Galeano: espirala escorre letras escorregam nas páginas clica. [Fotocartografias da primeira experimentação]

::

As temáticas: inclusão, cartografia, pertencimento, elã, afinidade, memória, infância, afeto, educação, arte, cultura, foram recorrentes nas produções e motivo para o Grupo desejar seguir estudando a fotocartografia em encontros sistemáticos. Eis a chama que se acende onde parecia pairar a escuridão, eis um dos papéis da arte [a arte tem um papel, ou eis também um contra-senso?], por as certezas em xeque, por as pessoas em desconforto, por grupos em ebulição. Os resultados alcançados mostram que isso foi atingido com êxito.

PARA PENSAR CONTRA-SENSOS EM EDUCAÇÃO

“Chinolope tinha conseguido fotografar a morte. A morte estava ali: não no morto, nem no matador. A morte estava na cara do barbeiro que a viu”
[Eduardo Galeano - "O livro dos abraços"]

Foram desenvolvidos quatro encontros presenciais que aconteceram como oficinas. Em cada encontro foram produzidas imagens, produzidas impressões e disparadas outras propostas para serem desenvolvidas a distância. A experimentação se desdobrou em: encontro de apresentação da proposta e dinâmica de apresentação dos participantes em uma conversa e imediata produção de fotografias; contato com as obras

dos fotógrafos Evgen Bavcar; Kurt Weston; Gerardo Nigenda; Diane Arbus... Experimentação de espaços cotidianos e o registro fotográfico destes passeios; fotocartografias do entorno da Faculdade de Educação - FAGED/UFRGS; experimentação do corpo através de movimentos e modos outros de posicionar a câmera e produzir fotografias; produção de fotografia e produção de narrativas de vida através delas; produção de efeitos de divulgação das produções; criação de artefatos visuais; experimentações do álbum de fotografias do grupo em exposição.

Aqueles que não participavam das atividades presenciais eram mantidos em contato com o grupo via e-mail, via Redes sociais e via Blog. As oficinas tiveram propostas dinâmicas e desafiadoras, com ações livres e monitoradas, com atividades de composição fotográfica e escrita, com movimento, com arte, sempre entrecruzando e colando leitura-escrita-fotografia.

Conforme a avaliação do Grupo composto nos encontros presenciais e nas atividades em Rede, além de relevante, a temática é emergente. Considerou-se importante a retomada dos encontros de maneira sistemática, ao longo do ano de 2012 e ações conjuntas em outros espaços, além da UFRGS. Avaliou-se como positiva a divulgação das ações e publicação da forma do Curso, assim como a potência produtiva do mesmo.

Esta ação de extensão justificou-se pelo impacto da temática e as possibilidades de inclusão produzidas dentro do grupo, entre os participantes. E teve relevância por discutir a temática fotografia e deficiência visual, propor encontros entre pessoas desconhecidas, com e sem deficiência, membros internos e externos a UFRGS, em um grupo pequeno e extremamente afinado, com focos de interesse diversos e ao mesmo tempo ativos em prol do objetivo do Curso e da inserção da fotografia na educação.

Outros percursos - espaços de fuga, brechas de experimentação, modos de pensar o pensamento, vias de produção de si?

Esse percurso permite desvelar uma maneira de situar as artes visuais na escola, a partir da perspectiva da cultura visual, não como ampliação de artefatos visuais que devem ser lidos de uma determinada maneira, mas como um cruzamento de relatos em rizoma, que permitem indagar sobre as maneiras culturais de olhar e seus efeitos sobre cada um de nós. (HERNANDÉZ, 2010, p. 71).

Hernández (2008) enuncia que o retrato escolar pode remeter a múltiplos contextos, porém, o texto produzido sobre ele é que delimitará os primeiros sentidos possíveis. A fotografia pode imprimir corpos e o fluxo narrativo pode implodir

sensações em perceptos e afectos. Pode-se dizer que é um convite a estabelecer outras relações com a fotografia, situar-se na narração, além de convidar a participar como tríade.

A reinterpretação dos [im]possíveis da fotografia e o fluxo entre o intelectual, o sentimento e a prática, ganham espaços através da recriação, da indagação e da reaprendizagem do entendimento do mundo, dos sentidos, das experiências e das memórias. Esse espaço de mestiçagem é um lugar de relação e metonímia, onde a interlocução e a metáfora substituem os dualismos, onde as diferenças se utilizam de sentidos, logo, constroem-se estes espaços e fugas.

É algo que vai além da simples função de mostrar retratos, produzir fotografias, selecionar imagens. As relações entre imagens e textos não são discursos que se colocam uns sobre os outros, são interconexões que falam de “conversas com”, de conversações, de arte e texto, de experimentação artístico-filosófica. Pode-se perceber o inefável, o que se considera difícil de expor em palavras, que escapa aos olhos, que foge da linguagem inteligível determinada por alguns...

escrever sobre as próprias vivências é muito mais do que contar os acontecimentos. De fato, talvez o acontecimento seja o mais irrelevante. A experiência convoca o debate para o campo da complexidade, dos atravessamentos, daquilo que nos escapa, que foge ao nosso controle, do que não estava programado, das ideias que não chegam inteiras. (OLIVEIRA, 2011, p. 181)

::

Fotografias em relevo. Cartografias em relevo. Narrativas em cores colorantes. Fluxos de imagens e fluxos de sensíveis. Fluxos de lugares e não lugares de deficiência. Não lugares de deficiência visual. Novelos e lãs em educação. Novelos de elãs em educação. Uma experiência em braile. Uma escrita em relevo que tenha relevância. Que releve e revele espaços de fuga da deficiência na deficiência. As artes mostram vias. Trazem ar fresco. Alça-transver mundos. Invetemos o falso!

[Fotocartografia produzida a partir de excerto de Manoel de Barros]

::

Propôs-se a produção de um espaço em que as fotografias pudessem ser compostas por imagens do cotidiano e feitas por pessoas com ou sem deficiência visual, e que não necessariamente tivessem fim de representação, de catalogação, de legenda ou ilustração. Deu-se preferência para fotocartografia e a possibilidade de tornar pensável: impressões de vida, especulação de vida, mentiras de vida, situações precisas, sufocamento dos anos, cenas bizarras do cotidiano, o esquisito da vida, especialmente, o

que estava a frente, os entornos, o superficial, o simples, pensar e propor outro tipo de aula e de educação...

Bibliografia

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BAVCAR, Evgen. **Memórias do Brasil**. São Paulo: Cossac & Naify; 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 3. São Paulo: Ed 34, 1996.

DELEUZE, Guilles. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo, Ed. 34, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. **La investigación basada en las artes**: Propuestas para repensar la investigación en educación. Disponível em: [http://links.jstor.org/sici?sici=0013189X\(200110\)30%3A7%3C-24%3ASA](http://links.jstor.org/sici?sici=0013189X(200110)30%3A7%3C-24%3ASA). Acesso em: fevereiro de 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Para a Erina ninguém diz nada... E nós não podemos fazer o que queremos**: a educação da cultura visual na educação infantil. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

MIRZOEFF, Nicholas. **Blindness and Art**. In: DAVIS, Leonnard J. **The disability Studies Reader**. New York: Routledge; 1997.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Por uma abordagem narrativa e autobiográfica**: os diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

TESSLER, Elida Starosta. **Cegos conduzindo cegos: algumas parábolas e outras incontínuências do visual**. In: Evgen Bavcar. **Porto Alegre**: Margs; 2001.